

Multimodalidade da linguagem e Metáforas Visuais e Verbais

A utilização da metáfora CULTURA É UM CONTÊINER e sua contextualização multimodal em uma interação intercultural: uma análise a partir das perspectivas comunicativas e extracomunicativas*

*Ulrike Schröder**
Mariana Carneiro Mendes****

Resumo

Muitas teorias dos Estudos Culturais postulam a superação da cultura nacional e sua expressão na metáfora CULTURA É UM CONTÊINER pelo fenômeno da transculturalidade. Em oposição a tal visão extracomunicativa, a análise de trechos de uma interação real entre brasileiros e alemães, na qual os participantes tematizam aspectos culturais, revela que tal metáfora continua tendo um papel importante para os participantes. Com base na Teoria Cognitiva da Metáfora, mostraremos que a metáfora CULTURA É UM CONTÊINER aparece tanto em expressões verbais quanto em gestos espontâneos, assumindo funções pragmáticas para lidar com a complexidade de um encontro intercultural. Tais resultados tanto apontam a necessidade da integração de uma perspectiva comunicativa, como também ilustram a importância de uma análise da metáfora cognitiva no seu processo de uso e na sua multimodalidade, com base em interações reais filmadas.

Palavras-chave

Metáfora conceitual; perspectiva comunicativa e extracomunicativa; multimodalidade; gesto

Abstract

Many theories in the field of cultural studies postulate the dissolution of the idea of national culture with its key metaphor CULTURE IS A CONTAINER in the face of the concept of transculturality. Opposed to such an extracomunicative view the analysis of some excerpts of a real interaction between Brazilians and Germans talking about cultural differences reveals that this metaphor yet continues to have an important impact for the participants themselves. Based on the Conceptual Metaphor Theory we will show that the metaphor CULTURE IS A CONTAINER can be found in verbal expressions as well as in spontaneous gestures and primarily has the pragmatic function of compressing complexity in intercultural encounters. Such results both point to the necessary integration of the communicative perspective of the participants and allude to the importance of an analysis of the cognitive metaphor in use, including its multimodal processuality based on filmed interactions.

Keywords

Conceptual metaphor; communicative and extracomunicative point of view; multimodality; gesture

* Artigo de autores convidados para o dossiê.

** Mestrado em Ciências da Comunicação, Germanística e Psicologia pela Universidade Duisburg-Essen e doutorado e livre-docência em Ciências da Comunicação pela Universidade Duisburg-Essen, Alemanha. Professora Adjunta IV na Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

*** Licenciada em Letras, com habilitação em Português e Alemão, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Linguística Teórica e Descritiva, doutoranda na área de Linguística Teórica e Descritiva. Participa do grupo de pesquisa *Comunicação Intercultural em Interação*

1. Introdução

Foi Gerold Ungeheuer (1972/2004) quem postulou a indispensabilidade de se diferenciar metodologicamente entre as perspectivas ‘comunicativa’ e ‘extracomunicativa’. Enquanto a primeira aponta o participante envolvido na interação, a última reflete a posição que qualquer observador assume no decorrer da sua análise de interações verbais e não verbais entre as pessoas. Ademais, não é apenas o pesquisador que faz suas descrições já sempre a partir de uma dessas duas perspectivas; os próprios participantes na interação também vivenciam o processo da comunicação em modalidade dupla: oscilam entre o papel do realizador de atos comunicativos com o objetivo de coordenar ações da compreensão recíproca e o papel do (auto)observador externo, que busca interpretar e classificar os meios de comunicação observados. Porém, no campo dos estudos da comunicação intercultural, até hoje, este reconhecimento não foi integrado em estudos empíricos de forma satisfatória.

Essa falta de uma indicação inequívoca do ponto de vista metodológico leva a uma série de problemas: nos Estudos Culturais, por exemplo, muitas vezes, encontram-se teorias pós-coloniais e pós-estruturalistas (BHABHA, 1994) que definem cultura como processo infinito de negociação recíproca, levando os autores à substituição de um conceito como ‘roots’ pelo conceito ‘routes’ (CLIFFORD, 1997). Tal conceitualização busca superar a ideia clássica da ‘cultura’ com a ideia de ‘interculturais híbridas’, categorias essencialistas delimitadas como ‘etnia’, ‘classe’ ou ‘sexo’, que se refletem no conceito da cultura como contêiner, por um conceito da polifonia (BACHMANN-MEDICK, 2009, p. 198). Para tais abordagens, a globalização promove uma dissolução da cultura nacional, a etiquetando como ultrapassada. Ora, não poucas vezes, trata-se de uma visão extracomunicativa, representando o ponto de vista do pesquisador e, nesse caso, idealizada, por estar a uma distância insuperável em relação ao mundo de vida dos actantes. Pois é para eles que a cultura não aparece já sempre ‘multicultural’ ou ‘transcultural’. Muito pelo contrário, em situações concretas de interação, indivíduos frequentemente atuam com base em uma suposta homogeneidade da cultura e se referem a ela por meio de seus atos comunicativos.¹

Com o intuito de descobrir como brasileiros e alemães se comunicam considerando o conceito da cultura em uma situação de comunicação concreta e na

¹ Dreher (2007), por exemplo, demonstrou em um estudo sobre dois mundos de trabalho dentro de uma empresa de automóveis – o gerenciamento e a produção – que, para os empregados de origem distinta, a ‘cultura nacional’ ainda representa um traço identificador crucial.

retrospectiva, do ponto de vista extracomunicativo do próprio participante, recorreremos à Teoria Conceptual da Metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999) aplicando o esquema do CONTÊINER (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 380-381) à CULTURA, o que remete à ideia clássica e, segundo muitas teorias atuais no campo da comunicação intercultural, ultrapassada da cultura: CULTURA É UM CONTÊINER. Perguntaremos se esse esquema ainda é usado para falar sobre si mesmo e o outro, se ainda serve como caminho da interpretação das ações do outro, ou se realmente não assume mais nenhum papel importante no que tange à compreensão dos atos comunicativos em sintonia com a própria ‘teoria individual sobre o mundo’ (*individuelle Welttheorie*) (UNGEHEUER, 1987, p. 308).

2. Referencial teórico

Na sua publicação clássica *Metaphors We Live By*, Lakoff e Johnson (1980) distanciam-se da visão impressionista da metáfora, uma vez que as metáforas não são mais tratadas como ornamentos poéticos e retóricos da língua. Muito pelo contrário, agora, metáforas são focalizadas como expressão de estruturas conceptuais subjacentes às habilidades cognitivas do ser humano em geral, de modo que a expressão metafórica representa apenas uma manifestação superficial de uma metáfora conceptual mais profunda. Destarte, em expressões como *batalha das eleições*, *guerra de partidos* ou *embate da oposição*, a POLÍTICA é fixada pela imagem da GUERRA. Sendo assim, a metáfora permite o entendimento de um domínio abstrato (‘domínio alvo’) em termos de um outro, mais concreto (‘domínio fonte’). Assim que as correspondências entre os dois domínios forem ativadas, automaticamente, também são mapeados os padrões de inferência inerentes aos esquemas imagéticos, o que é denominado ‘Princípio da Invariância’ por Lakoff (1993). Portanto, a metáfora assume a função principal de organizar e categorizar nossas experiências no sentido de um universal antropológico.

Os ‘esquemas imagéticos’ que formam a base para tais metáforas são concebidos como representações esquemáticas de estruturas envolvidas em interações recorrentes em nosso meio, conferindo coerência a nossas experiências singulares, percepções sensoriais e decorrências motoras. Tais esquemas são, por exemplo, DENTRO-FORA, FRENTE-TRÁS, ACIMA-ABAIXO, CONTATO, MOVIMENTO, FORÇA ou CONTÊINER. No último caso, experimentamos nossa existência como seres humanos a partir de uma limitação do resto do mundo pela barreira da pele. Por conseguinte, tendemos a experienciar o resto mundo como algo exterior a nós mesmos. Nós nos percebemos

como contêineres, envolvidos por uma superfície, e nos relacionamos com o mundo utilizando o sistema de orientação espacial DENTRO-FORA. A partir desta experiência, há uma tendência de se externar essa relação a outros objetos limitados por uma superfície: olhamos para dentro de caixas ou quartos, enchemos copos de água, tiramos objetos de um armário e de uma bolsa, entramos e saímos de casas, comemos e bebemos, etc. (JOHNSON, 1987, p. 19-30). Agora, este esquema é transferido a domínios abstratos da nossa experiência, estruturando nossa fala e nossa reflexão sobre tais construtos linguísticos. Portanto, o esquema CONTÊINER, que Lakoff e Johnson (1999) aprofundam através de uma ilustração de como ele funciona com relação a CATEGORIAS, MENTE e SELF, facilmente, também se transfere a grupos como FAMÍLIA, CLASSES SOCIAIS ou CULTURAS (MARSCHAK, 2005, p. 321). O sucesso que a TCM tem até hoje em dia, por outro lado, acarreta consigo uma série de pontos fracos que desafiam estudos atuais, buscando, por sua vez, superar a exclusão de aspectos ligados a fatores socioculturais, contextuais e funcional-comunicativos (CAMERON, 2007, 2008; ALVERSON, 1991; ZINKEN, 2004; FERNANDEZ, 1991; HÜLZER-VOGT, 1987; SCHRÖDER, 2012).² De fato, a teoria de Lakoff e Johnson parte de um indivíduo solipsista e de metáforas conceituais idealizadas e isoladas da sua função na comunicação concreta. Destarte, para Feilke (1994, p. 41):

a fronteira, entre, por um lado, as condições cognitivo-conceituais da motivação e, por outro lado, a formação *convencional* da competência e do conhecimento semântico *através do falar*, não é considerada suficientemente. O fato de que há uma formação estrutural emergente por meio de *comunicação* não chega no foco da atenção. (FEILKE, 1994, p. 41, tradução nossa)

Com isso, é o ato de se colocar a língua em segundo plano que se torna duvidoso, uma vez que cognição e língua não podem ser entendidas como sequenciais, mas sim, como interação de modo bidirecional (LEEZENBERG, 2001; MELO MOURO, 2005). Em contraposição a isso, Lakoff e Johnson marginalizam a performance linguística de modo que, eliminando as funções comunicativas da língua, chegam a um conceito aporético de uma convencionalidade não discursiva (LINZ, 2004, p. 256-257).

Dentro dessa mudança do foco da metáfora de um fenômeno estável e descontextualizado para a sua processualidade no discurso, aspecto central da segunda geração da teoria cognitiva da metáfora, a revelação da gestualidade metafórica consegue dar evidência à hipótese da cognição corporificada (*embodied cognition*) (CIENKI, 2008), o que torna, por um lado, a teoria original mais sólida. Por outro lado, a

² Para um panorama dos pontos de crítica mais importantes, compare com Schröder (2011).

partir de um novo pluralismo metodológico, estudos ligados à metáfora gestual conseguem superar alguns défices da primeira geração de Lakoff e Johnson:

O foco na língua falada no ambiente físico de seu uso, inerentemente parte dos dados gravados em vídeo utilizados na maioria dos estudos de gestos, pode ajudar a dar maior atenção a outras questões do estudo da metáfora. Estas incluem a função do lugar onde a metáfora ocorre no contexto do discurso, a função da metáfora na interação entre os participantes da conversação, e a função do ambiente físico (o contexto de interação) como um alerta, ou a fundamentação para a utilização de metáforas específicas. (CIENKI; MÜLLER, 2008, p. 496, tradução nossa)

A partir de uma observação da processualidade de gestos em conjunto com meios comunicativos verbais e paraverbais, muitos pesquisadores começaram a ilustrar que metáforas convencionais e inovativas formam um contínuo e não podem ser diferenciadas nitidamente. Nesta perspectiva, gestos têm a capacidade de tornar a metaforicidade de metáforas convencionais, não mais transparente no nível verbal, novamente consciente: o falante, por exemplo, executa um movimento exagerado com sua mão em correspondência a uma enunciação verbal e, ademais, dirige seu olhar a este gesto, destacando, concomitantemente, a expressão verbal por prosódia (CIENKI, 2008; MÜLLER, 2008). Tal observação apenas se torna possível, uma vez que o decorrer temporal do processo metafórico pode ser reconstruído através da filmagem da interação em questão. Sendo assim, por gravar e filmar a situação da interação inteira, os pesquisadores abandonam a metáfora pontual, comprimida em uma única expressão, dirigindo sua atenção para sua realização na interação social.

No discurso, gestos tendem a destacar certos elementos e aspectos de uma enunciação verbal, os contextualizando, contribuindo para a organização figura-fundo, assumindo, com isso, a função da condução da informação na comunicação face a face por dirigir a atenção dos seus participantes: “a ativação da metaforicidade depende criticamente do fluxo dinâmico do foco de atenção do falante” (MÜLLER, 2008, p. 219, tradução nossa).

Müller (2008, p. 224) conclui que a análise da metáfora gestual focaliza o desdobramento, a processualidade e a multimodalidade da metáfora na interação social e com isso consegue revelar suas características pragmáticas. Por exemplo, através de uma mão aberta, gestos podem marcar certos argumentos como óbvios ou, ao empurrar um suposto objeto para o lado, como menos plausíveis, tendo uma força ilocucionária que não se encontra no nível verbal.

Nosso estudo tem o intuito de ilustrar como língua e cognição interagem em uma situação de interação concreta. Nesse caso, a metáfora, por um lado, pode ser observada

em sua estrutura convencional (expressões da língua que refletem o esquema metafórico subjacente) e, por outro lado, em sua função pragmática na comunicação concreta, sendo possível observar como sua metaforicidade pode ser revitalizada, especialmente quando se toma em consideração a gestualidade metafórica.

3. Metodologia

Esse trabalho foi realizado com base em um *corpus* estabelecido pelo grupo de pesquisa *Comunicação intercultural entre participantes das culturas brasileira e alemã*, o qual foi encerrado em 2012 e hoje em dia é considerado como um piloto para o grupo *Comunicação Intercultural em Interação*³, ambos coordenados pela Profa. Ulrike Schröder (UFMG). Esse grupo tinha como objetivo analisar situações concretas de interação entre brasileiros e alemães e fez parte da linha de pesquisa ‘Pragmática Intercultural’ do GIEL (Grupo Interinstitucional de Estudos de Língua(gem): usos, contatos e fronteiras), atualmente extinto.

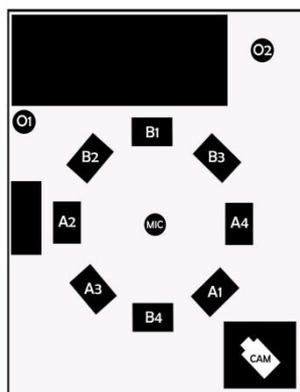
Neste trabalho, utilizou-se para análise o vídeo, junto a sua transcrição, de uma interação promovida pelo grupo, em 28 de maio de 2010, entre quatro brasileiros e quatro alemães, e a transcrição das entrevistas retrospectivas com os participantes da discussão.

Primeiramente, promoveu-se uma interação de duas horas, com quatro brasileiros e quatro alemães, sendo que os brasileiros são falantes de alemão como língua estrangeira, e os alemães são falantes de português como língua estrangeira, ambos tendo um nível mínimo de A2 conforme o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas. O procedimento adotado na discussão filmada tem origem na sociolinguística interacional e envolve a filmagem de interação simulada com instruções fracas para estimular a conversa entre os participantes e, além disso, a realização de entrevistas retrospectivas (KASPER, 2008). A interação foi realizada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais com a duração de aproximadamente duas horas, sendo que os participantes, todos do sexo masculino, podiam conversar sobre diversos temas de forma mais ou menos livre, motivados por cartões com perguntas a serem discutidas. As perguntas eram em sua maioria de cunho pessoal ou propiciavam discussões sobre diferenças culturais entre Brasil e Alemanha como, por

³ O grupo de pesquisa foi fundado em agosto de 2012, e faz parte do grupo interinstitucional *Pragmática (inter)linguística, cross-cultural e intercultural*. Mais informações podem ser acessadas pelo site, ainda em construção: <http://www.letras.ufmg.br/cicdm/>. Acesso em: 20 set. 2014.

exemplo, *Onde você mora? Como você mora? Onde você gostaria de morar?* A proficiência na língua estrangeira variou de participante a participante, e isso também vale para o tempo de permanência no Brasil (em relação aos participantes alemães), e a permanência na Alemanha ou visita ao país – se tiver ocorrido (em relação aos participantes brasileiros). Os participantes tiveram liberdade de decidir por conta própria qual a língua em que preferem falar. Sendo assim, a maior parte da discussão foi realizada em português. A faixa etária dos participantes estava entre 20 e 40 anos, sendo que o mais novo tinha 20 anos, e o mais velho, 37. Os arquivos de vídeo foram utilizados para a análise de aspectos não verbais do processo comunicativo, a comunicação não verbal. Para a análise da interação, foi feita a transcrição do áudio da interação de acordo com as normas do *Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Lingüística Culta* (DIONÍSIO, 2004). Após um período que variou de um a três meses, foi realizada uma entrevista com cada um dos participantes, na qual assistiram à filmagem da interação e fizeram comentários sobre as impressões que tiveram sobre si mesmos e o comportamento verbal e não verbal dos outros participantes.

Figura 1 – Esquema da interação⁴



Fonte: Figura elaborada pelas autoras

Na Figura 1, tem-se um esquema da interação – A1, A2, A3 e A4 são os participantes alemães; B1, B2, B3 e B4 são os participantes brasileiros; a distribuição dos assentos foi feita pelos próprios participantes, à medida que entravam na sala. O1 e O2 são membros do grupo de pesquisa, que ficaram na sala para monitorar os equipamentos de filmagem e dar as instruções iniciais para os participantes.

⁴ Legenda: AX – participantes alemães; BX – participantes brasileiros; OX – organizadores (participantes do grupo de pesquisa); MIC – microfone adicional (seis dos participantes portavam microfones de lapela, e cada câmera também contava com sistema de captação de som); CAM – câmera principal. A segunda câmera estava sendo operada por O2.

Depois de reunir as transcrições da interação e das entrevistas retrospectivas, foi feita uma busca por lexemas e expressões lexicais ligadas à metáfora CULTURA É UM CONTÊINER, mais especificamente – BRASIL É UM CONTÊINER e ALEMANHA É UM CONTÊINER. Para esta análise, foram consideradas como metafóricas as expressões cujo significado contextualizado diferia de seu significado mais básico encontrado em outros contextos (STEEN, 2007, p. 88-89). Também a expressão deveria se relacionar ao contexto Brasil e Alemanha.

4. Análise dos resultados

Embora se trate de um estudo qualitativo com base em um único *corpus*, vale a pena examinar a quantidade das ocorrências encontradas que podem ser relacionadas à metáfora em questão. Não apenas contamos as expressões metafóricas mas também expressões dêiticas interligadas à metáfora em questão. Sendo assim, a seguir, serão apresentados os números dos *tokens* para expressões metafóricas e dêiticas usadas pelos alemães e brasileiros junto a um exemplo específico para ilustração:

Tabela 1 – Resultados quantitativos em português

Expressões	Brasileiros	Alemães	Exemplo
<i>no Brasil</i>	9	6	A1 - “você chega <i>no brasil</i> é 'ah, bem vindo, <i>estrangeiro</i> , como está?”
<i>na Alemanha</i>	8	31	
<i>aqui</i> (no B.)	12	65	A2 - “minha visão era um pouquinho de isso-isso <i>aqui</i> é tudo diferente não era essa idéia também de:. <i>aqui</i> é sujo: tem favela: tem ”
<i>lá</i> (na A.)	23	18	B4 - “eu percebi que os alunos <i>lá</i> também eles são muito. eles tão muito na dúvida ainda né”
<i>nós / a gente</i>	3	6	A2 - “ <i>a gente</i> não tem vogais abertos.. né? <i>a gente</i> tem os fechados e os ö ü”
<i>Vocês</i>	2	1	A2 - “que assim na: os brasileiros que vão <i>na alemanha</i> .. e aí eu queria saber de <i>vocês</i> . que fica um pouquinho perplexo que muitos alemães não sa:bem falar muito bem inglês.”
<i>estrangeiro</i>	0	2	A2 - “ou você fala uma coisa meio assim ou você fala meio assado, mas o <i>estrangeiro</i> , ele é aprovado, né? “não, você fala muito bem, você fala melhor do que eu””

Tabela 2 – Resultados quantitativos em alemão

Expressões	Brasileiros	Alemães	Exemplo
<i>in Brasilien</i> (no B.)	1	2	B1 - “wenn man <i>in brasilien</i> ist ..muss man caqui probieren” ⁵
<i>in Deutschland</i> (na A.)	1	10	A1 - “die sind SO GUT gemacht <i>hier</i> , die sind richtig lecker. <i>in deutschland</i> da kriegst du... du... bauchweh” ⁶
<i>hier</i> (aqui no B.)	1	20	A2 - “ich bin jetzt schon so lange <i>hier</i> ich sprech schon so gut portugiesisch ja die denken ich bin brasilianer” ⁷
<i>wir</i> (nós)	0	1	A2 - “ <i>wir</i> sagen ciao”

Tabela 3⁸ – Entrevistas retrospectivas com brasileiros

Expressões	B2	B4	Exemplo
<i>no Brasil</i>	1	3	
<i>na Alemanha</i>	1	7	
<i>aqui</i> (no B.)	4	9	B4 - “E a nossa concepção, ela é muito diferente, achando que <i>lá</i> é melhor e que <i>aqui a gente</i> ta meio que perdendo o tempo. ”
<i>lá</i> (na A.)	8	8	
<i>dentro</i>	1	0	B2 - “aquela questão de sempre colocar nossa cultura abaixo da cultura do outro, começa <i>aqui dentro</i> ”
<i>fora</i>	7	1	
<i>nós / a gente</i>	8	14	
<i>eles</i>	11	25	B4 - “Poxa, <i>eles</i> são <i>de fora</i> , encontraram <i>aqui</i> , e encontraram muita coisa pra conhecer do outro, né.”
<i>estrangeiro</i>	3	0	

Tabela 4 – Entrevistas retrospectivas com alemães

Expressões	A2	A3	Exemplo
<i>in Brasilien</i> (no B.)	1	9	

⁵ “quando se está no brasil.. precisa-se provar caqui” (tradução nossa)

⁶ “eles são TÃO BEM feitos aqui, eles são realmente saborosos. na alemanha lá você... você... tem dor de estômago” (tradução nossa)

⁷ “agora eu já estou há tanto tempo aqui, eu já falo tão bem português, que pensam que eu sou brasileiro, ” (tradução nossa)

⁸ Os exemplos de transcrição das tabelas 3 e 4 (trechos de entrevistas retrospectivas com os participantes da interação, realizadas individualmente com cada participante e das quais se tem apenas a gravação em áudio) foram transcritos de forma livre, aproximando a transcrição da língua padrão (*literarische Umschrift*; DITTMAR, 2004, p. 60-63). Nas tabelas 1 e 2, tem-se exemplos de trechos da interação em grupo, cuja transcrição foi feita de acordo com as normas do *Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Lingüística Culta* (DIONÍSIO, 2004).

<i>in Deutschland</i> (<i>na A.</i>)	1	25	A3 - “wenn man vergleicht was man <i>in Brasilien</i> im Durchschnitt verdient und was man <i>in Deutschland</i> verdient ist das Essen für die Deutschen im Durchschnitt immer noch günstiger als <i>hier</i> .” ⁹
<i>hier</i> (<i>aqui no B.</i>)	4	28	A2 - “okay, <i>Ausländer</i> , das is was Besonderes und das ist was, was <i>wir</i> nicht haben <i>hier</i> und, ja, und davor muss man jetzt Respekt haben.” ¹⁰
<i>aus</i> (<i>fora</i>)	1	2	
<i>wir</i> (<i>nós</i>)	7	2	
<i>sie</i> (<i>eles</i>)	2	4	
<i>Ausländer</i> (<i>estrangeiro</i>)	4	0	A2 - “ich denke, dass ich wirklich was, was dazu beiträgt, einfach sich selber zu sehen, von dem Standpunkt gesehen zu werden als <i>Ausländer</i> oder eben auch als jemand, der <i>aus</i> dem Land kommt” ¹¹

De modo geral, observa-se que o número das metáforas ligadas ao esquema básico do CONTÊINER é alto tanto durante a interação como nas entrevistas retrospectivas. Ademais, quase exclusivamente é composto pelo esquema altamente convencionalizado *dentro/fora*. Chama a atenção que nas entrevistas retrospectivas, aparentemente, os participantes sentem-se mais à vontade de falar em termos da metáfora em questão. Além disso, aparentemente, há uma ligação ao uso de termos dêiticos: é interessante que os alemães usam com mais frequência a dêixis local (*aqui/lá*) ao passo que os brasileiros, rapidamente, mudam da metaforização *dentro/fora* para a dêixis pessoal *nos/vocês(eles)* para distinguir entre os dois contêineres.

Daremos uma olhada em alguns aspectos específicos: a expressão *estrangeiro* foi selecionada como metafórica, pois seu prefixo *estra-* tem o significado de ‘fora’. Acredita-se que o falante da língua perceba, mesmo inconscientemente, nesta expressão a presença do prefixo *extra* (algo que ocorre além ou fora do padrão normal), mesmo que seja lexicalizado. Sendo assim, ‘o estrangeiro’ seria alguém que veio (de fora) para dentro de outra cultura que não a sua. O mesmo ocorre com a expressão *Ausländer*, cujo prefixo *aus-* tem o significado de ‘fora’ e *Land* significa ‘país’ – ‘pessoa de fora do país’. Mesmo talvez não sendo mais transparente para os falantes da respectiva língua como língua materna, é provável que, no dado contexto intercultural, haja uma

⁹ “quando se compara o quanto se ganha em média no brasil e o quanto se ganha em média na alemanha, a comida para os alemães é em média mais barata que aqui” (tradução nossa)

¹⁰ “ok, estrangeiro, isso é algo especial e isso é o que nós não temos aqui e, sim, agora deve se ter respeito por isso” (tradução nossa)

¹¹ “eu penso que eu realmente que, o que contribui para simplesmente ver-se a si mesmo, ser visto do ponto de vista de estrangeiro ou também como alguém que vem de fora do país” (tradução nossa)

revitalização da metáfora pelo fato de que os falantes da respectiva língua como língua estrangeira percebam a metaforização com mais intensidade.

Em perspectiva intercultural, com isso, mostra-se o que Littlemore (2008, p. 199) apontou no que diz respeito à compreensão de metáforas por falantes de língua estrangeira: aqui não se aplica o argumento dos oponentes da Teoria Conceptual da Metáfora de que assim chamadas ‘metáforas mortas’ teriam que ser excluídas da análise, uma vez que, para o aprendiz da língua estrangeira, não necessariamente se trata de uma ‘metáfora morta’. Isto ilustra que há margens opacas na questão de uma expressão poder ser etiquetada como metafórica ou não. No caso alemão, aprendizes do português como língua estrangeira percebem com rapidez a semelhança entre o adjetivo *estranho* que, em alemão seria *komisch*, *seltsam* ou *fremd*¹² e *estrangeiro* (*Ausländer*), no vocabulário português.¹³ Talvez, para eles, seja a primeira vez que percebem uma ligação entre os dois significados, inexistentes na superfície da língua em alemão. E como consequência, em primeiro momento, um aprendiz alemão da língua portuguesa poderia associar a palavra *estrangeiro* mais com *Fremder* do que com *Ausländer*. Ora, ao passo que *Ausländer* é um termo técnico *par excellence*, usado em contextos políticos, científicos ou jurídicos, *Fremder* traz mais conotações quanto a como a pessoa chamada dessa forma se sente ou como os outros o percebem, ou seja, esta expressão prescreve uma distância maior, experimentada por um ou pelos dois lados envolvidos. Por conseguinte, o elemento metafórico da expressão pode ser revitalizado, ainda mais em um momento da discussão no qual o ‘ser estrangeiro’ está no foco.

As expressões *estrangeiro* e *Ausländer*, apesar de não serem tão explícitas ou enfáticas quando a versão *de fora*, utilizada diversas vezes por B2 e uma vez por B4, trazem em sua constituição a mesma ideia. A2 utiliza uma expressão equivalente a *de fora* quando faz uma espécie de paráfrase de *Ausländer*: “(...) von dem Standpunkt gesehen zu werden als *Ausländer* oder eben auch als jemand, der *aus* dem Land kommt”¹⁴. No entanto, em alemão, essa construção ‘verbo *kommen* + preposição *aus*’, prototipicamente, tem o significado de ‘vir de’, ‘ser de’, como em “Ich komme aus Deutschland” – “Eu venho da Alemanha”, “Eu sou da Alemanha”. Assim, a paráfrase utilizada em alemão por A2 pode ser vista como uma espécie de influência do português. Tal possibilidade parece válida, uma vez que A2 reside no Brasil já há oito

¹² Tais expressões corresponderiam mais ao *strange* do inglês no seu uso como *weird*.

¹³ Não existe um adjetivo correspondente em alemão.

¹⁴ “(...) ser visto do ponto de vista de estrangeiro ou também como alguém que vem de fora do país” (tradução nossa)

anos, tendo tido, provavelmente, que utilizar o português na maior parte de suas atividades do dia-a-dia desde sua vinda para este país.

As metáforas aparentemente ‘mortas’ ainda vêm mais à tona no nível gestual: a partir da análise de metáforas gestuais, observamos mais um indício de que, ao utilizarem expressões dêiticas como *nós, vocês, aqui, lá, no Brasil, na Alemanha*, e seus correspondentes em alemão, os participantes da interação estão estabelecendo uma interligação à metáfora CULTURA É UM CONTÊINER de modo gestual. Ainda que estas expressões sejam altamente convencionalizadas, consideramos que:

uma metáfora conceitual que motivou a extensão de uma palavra a um domínio abstrato pode ainda estar ativa em uma cultura, e continuar como uma maneira imagética de se pensar sobre essa ideia, mesmo que isso não seja mais transparente na forma da palavra (CIENKI; MÜLLER, 2008, p. 489, tradução nossa)

Abaixo, trazemos três ocorrências de metáforas gestuais encontradas no corpus analisado.

1. B1 fala sobre a utilização da expressão *né* por sua esposa e seus parentes alemães:

Figura 2 – posição inicial do gesto de B1.



Figura 3 – posição final do gesto de B1.



As falas de B1 no momento de produção destes gestos seguem na transcrição abaixo:

e aí o pessoal. os *¹⁵ parentes dela na alemanha * que têm uma ligação (com ela só fala né) eu achei que era eh vamos dizer. contaminação.

B1, quando começa a falar sobre os parentes de sua esposa ‘na Alemanha’, inicia um movimento em arco com a mão, como se estivesse tirando algo de uma caixa. À medida que ele continua fazendo referência à esposa e aos parentes dela, repete esse movimento.

2. A4 fala sobre o curso que frequenta na universidade brasileira e na alemã:

Figura 4 – primeiro gesto de A4.



Figura 5 – segundo gesto de A4.



As falas de A4 no momento de produção destes gestos seguem na transcrição abaixo:

bem. aQUI * eu estudei na:/eu estudei/eu estudei engenharia mecânica só que * na alemanha o que=eu estudo é energie- und verfahrenstechnik.

A4 faz um movimento de apoiar as pontas dos dedos da mão direita (fechada) sobre a palma da mão esquerda quando se refere ao curso que estuda no Brasil

¹⁵ No trecho da transcrição que segue abaixo das figuras, o símbolo “*” representa o momento em que foi realizado o gesto captado pela figura.

(engenharia mecânica). Quando vai falar do curso que faz na Alemanha (Energie- und Verfahrenstechnik), faz com a mão direita um pequeno movimento em arco, indo para trás, e abrindo a mão nesse período, e volta a encostar as pontas dos dedos na palma da mão esquerda.

3. B2 fala sobre como vê o estrangeiro que vem ao Brasil e aponta os pontos negativos do país:

Figura 6 – primeiro gesto de B2.



Figura 7 – segundo gesto de B2.



As falas de B2 no momento de produção destes gestos seguem na transcrição abaixo:

agora você * virar e DEBOCHAR disso. fazer CHACOTA disso. aí eh eu vou concordar com você que é verdade mas não vou GOSTar dentro de mim porque você deBOchou e você não é daQUI¹⁶

¹⁶ Este trecho de transcrição corresponde a uma entrevista retrospectiva realizada com o participante B2, a qual foi gravada em vídeo, portanto a transcrição segue as normas do *Projeto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Lingüística Culta* (DIONÍSIO, 2004).

Quando B2 fala do comportamento que a pessoa ‘de fora’ pode ter em relação ao Brasil (de debochar do fato de o país ser sujo), faz um movimento em arco com a mão esquerda, partindo dele e indo ligeiramente para baixo. Esse movimento em arco, assim como os que aparecem nas demais metáforas gestuais apresentadas, representa o movimento que se faz para colocar ou retirar algo de um contêiner. Assim, as metáforas gestuais indicam que pode haver uma metaforicidade nas expressões analisadas, ainda que sejam altamente convencionalizadas.

5. Discussão

Em termos pragmáticos, as preferências na fala sobre cultura não necessariamente indicam uma noção essencialista da cultura em si. O que nos parece mais importante é sua função discursiva, pois, por meio das expressões utilizadas, compressões são feitas para reduzir a complexidade do assunto tratado pelos participantes, que falam sobre as diferenças principais entre os dois países ligadas a diversos domínios da vida: “quando se está *no* brasil, precisa-se provar caqui” (tradução nossa)¹⁷ é uma enunciação de B1 que implicaria que todos brasileiros ou pessoas que estão no Brasil comem ou já comeram caqui. E quando A3 diz “lichia agora é muito chique lá *na* alemanha”, ele pressupõe implicitamente que não está falando de todos os alemães, mas sim, apenas de uma minoria. Porém, ele utiliza o *na*, pois é a forma mais eficiente de comunicar o que quer dizer por convenção. É por causa disso que contamos também os pronomes pessoais da primeira e segunda pessoa plural (*wir/ihr* verso *nós/a gente/vocês*), pois generalizam dessa mesma forma. Ainda que esses pronomes pessoais não sejam metafóricos, uma vez que invertem o processo (algo que ilustra bem o que ocorre na língua em uso), os processos da metaforização e metonimização interagem com outras características da fala, como a generalização. Já se observa que o processo do ‘destacar e ocultar’ (*highlighting & hiding*), que Lakoff e Johnson (1980) constatam acerca dos efeitos os quais a nossa visão metafórica do mundo sempre implica, no caso presente, ressalta as similaridades entre alemães ou brasileiros e esconde a diversidade que existe entre as pessoas do mesmo país.

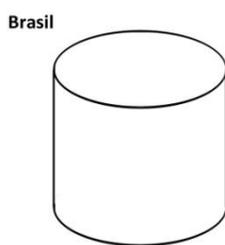
Os esquemas podem ser visualizados da seguinte forma:

CULTURA É UM CONTÊINER

A seguir, têm-se os esquemas imagéticos que foram buscados no *corpus*:

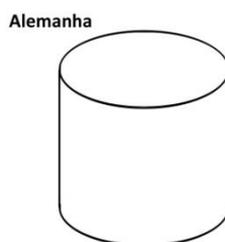
¹⁷ “wenn man *in brasilien* ist ..muss man caqui probieren”.

Figura 8 – Esquema de BRASIL É UM CONTÊINER.



Fonte: Figura elaborada pelas autoras

Figura 9 – Esquema de ALEMANHA É UM CONTÊINER.

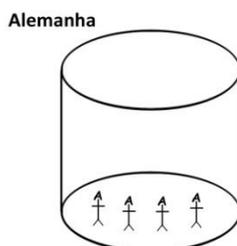


Fonte: Figura elaborada pelas autoras

Brasileiros e alemães

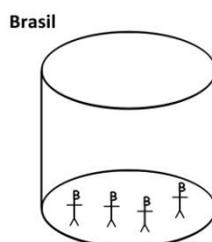
Já nos próximos esquemas imagéticos, estão os brasileiros, como aqueles que estão dentro do contêiner que seria a cultura brasileira (Figura 10), e os alemães, que estão dentro do contêiner que seria a cultura alemã (Figura 11):

Figura 10 – Alemães na Alemanha.



Fonte: Figura elaborada pelas autoras

Figura 11 – Brasileiros no Brasil.

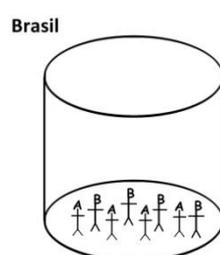


Fonte: Figura elaborada pelas autoras

A situação da interação

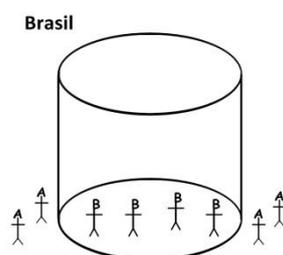
Os esquemas abaixo vão representar a situação de interação (Figura 12), sendo o primeiro com os alemães inseridos na cultura brasileira, mas sem que com isso tenham perdido suas características de pertencentes a outra cultura. E o segundo já vai representar os alemães sendo vistos como não-pertencentes à cultura brasileira (Figura 13), o que pôde ser observado na utilização da expressão *de fora* e pelo lexema *estrangeiro*, mais produtivos nas entrevistas retrospectivas, assim como os correspondentes em alemão – *Ausländer* e a paráfrase utilizada por A2, “jemand, der aus dem Land kommt”¹⁸.

Figura 12 – Alemães no Brasil.



Fonte: Figura elaborada pelas autoras

Figura 13 – Alemães de fora do Brasil.



Fonte: Figura elaborada pelas autoras

Há alguns momentos de conflito durante a discussão que podem ser analisados sob a ótica da teoria da polidez (BROWN; LEVINSON, 1978) como foi feito pela análise de Schröder e Viterbo Lage (2014). Tais conflitos trazem à luz estilos da fala distintos, o que se revela de forma aberta nas entrevistas retrospectivas, especialmente com relação a um participante brasileiro, que se sente intimidado pela postura direta especialmente de um alemão. Esta questão abre caminho para uma canalização de outras pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) em conformidade com a proclamada ‘arrogância’ de

¹⁸ “alguém que vem de fora do país” (tradução nossa).

enunciações também de outros participantes alemães. Por exemplo, durante a discussão, A1 comenta que ele não imaginava que Brasil fosse um país tão ‘rural’,¹⁹ comentário que B2 retoma na entrevista retrospectiva, manifestando:

Ao invés de discutir com ele, por dois motivos eu não discuti: primeiro, porque num era ambiente; segundo, porque “ah, é *de fora*”, então... Eu vou discutir com alguém *de fora*? Eu acho que o brasileiro é muito assim. Quem é *de fora* “tá, vou receber bem”, mas na hora que ele tentar passar um certo limite, que é o limite de querer entender o Brasil (...), discutir coisas de brasileiro, nós vamos ignorá-lo. (Fala de B2)

Nesses trechos da entrevista retrospectiva realizada com B2, ele expressa sua opinião de que pessoas originárias de outras culturas, como estão de fora do Brasil, não deveriam tentar entender e discutir sobre essa cultura.

É aquele velho problema do brasileiro, né? O brasileiro, ele... Quando um brasileiro fala mal do Brasil, ele num liga. Mas quando alguém de fora fala mal do Brasil, ele fica irritado. (Fala de B2)

Estas afirmações ilustram como a metáfora CULTURA É UM CONTÊINER ainda pode ser reforçada em momentos nos quais interlocutores têm que lidar com padrões de comunicação distintos que causam desejos de resistência. Destarte, a densidade do uso dessa metáfora no momento descrito parece como uma estratégia para lidar com a experiência de alteridade.

6. Considerações finais

A partir de uma análise de expressões metafóricas relacionadas à metáfora CULTURA É UM CONTÊINER encontradas no *corpus* em questão, pôde-se observar semelhanças e diferenças tanto na natureza das expressões utilizadas por brasileiros e alemães quanto na maneira como as utilizam. Entende-se que há diferenças significativas quando comparadas às situações de produção de dadas expressões: interação em grupo e entrevista individual. Na interação em grupo, percebe-se uma certa inclinação por parte de pelo menos um dos brasileiros de se preservar a face positiva dos participantes alemães, o que chega a influenciar na decisão de não expressar a própria opinião e talvez também tenha influenciado a escolha das metáforas utilizadas por ele. Como nas entrevistas individuais não havia a necessidade de se utilizar de estratégias de polidez para com o possível destinatário da crítica, foi mais frequente por parte de um brasileiro o uso da expressão metafórica *de fora* para designar os alemães.

¹⁹ Suponhamos que ele tenha feito uma transferência da palavra *ländlich* para português, querendo dizer que no Brasil, fora do litoral e das grandes cidades, há regiões imensas quase sem civilização. Provavelmente, ele não sabia que o uso da palavra *rural* traz conotações negativas.

O número alto do uso do pronome pessoal pelos brasileiros para fazer uma distinção entre eles mesmos e os alemães revela uma tendência maior a personificar a cultura, de modo que rapidamente mudam de *cultura* para *nós*, aspecto que já foi investigado em outra pesquisa sobre a metaforização do domínio abstrato SOCIEDADE na Alemanha e no Brasil (SCHRÖDER, 2010a, 2010b). Em termos teóricos, dentro da área da metáfora cognitiva, contribuimos com um estudo que se dedicou à observação da metáfora no seu uso pragmático e sob a luz da sua multimodalidade, em contexto de um encontro intercultural, aspecto que até hoje, ainda não estava no foco do interesse de muitos pesquisadores.

Com relação aos estudos da comunicação intercultural, trouxemos à luz que, a despeito de muitas teorias e expectativas ligadas ao conceito da ‘competência intercultural’ ou a ‘interculturais híbridas’, através de uma distinção entre as perspectivas comunicativa e extracomunicativa dos participantes envolvidos em ações reais, a metáfora da CULTURA como CONTÊINER continua a ser utilizada. Por um lado, a utilização dessa metáfora facilita a coordenação das ações comunicativas e a sua compreensão como construtora de significados, em concordância com a própria teoria sobre o mundo, por outro lado, a metáfora tem a função de atribuir significado a situações críticas, que não podem ser interpretadas de forma diferente segundo a própria visão do mundo. Isto pode resultar em um reforço da metáfora, que, agora, funciona como artifício para a produção de estereótipos, que serão ativados no próximo encontro com a cultura alheia em questão, uma vez que as pessoas nunca participam de encontros ‘interculturais’ sem seus pressupostos derivados do que já haviam experimentado.

Para pesquisadores, partindo de um ponto de vista privilegiado e extracomunicativo, é uma opção ‘desejar’ que as pessoas superem tais esquemas imagéticos. Não obstante, é fato que, na situação comunicativa, cada um aplica suas próprias estruturas para lidar com a complexidade comunicativa do modo como sua própria teoria sobre o mundo e suas estruturas de relevância permitem.

Referências

ALVERSON, Hoyt. Metaphor and experience: looking over the notion of image schema. In: FERNANDEZ, James W. *Beyond metaphor: The theory of tropes in anthropology*. Stanford: Stanford University Press, 1991. p. 94-117.

BACHMANN-MEDICK, Doris. *Cultural turns*. Neuorientierungen in den Kulturwissenschaften. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2009.

- BHABHA, Homi K. *The location of culture*. New York: Routledge, 1994.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978/1987.
- CAMERON, Lynne. Confrontation or complementarity? Metaphor in language use and cognitive metaphor theory. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, 5, p. 107-135, 2007.
- CAMERON, Lynne. Metaphor and talk. In: GIBBS, Raymond W. Jr. *The Cambridge Handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 197-211.
- CIENKI, Alan. Why study metaphor and gesture? In: CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia. *Metaphor and gesture*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 5-25.
- CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia. Metaphor, Gesture, and Thought. In: GIBBS, Raymond W. Jr. *The Cambridge Handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 483-501.
- CLIFFORD, James. *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge, London: 1997.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, AnnaChristina. *Introdução à Lingüística 2. Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 69-99.
- DITTMAR, Norbert. *Transkription. Ein leitfaden mit Aufgaben für Studenten, Forscher und Laien*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2004.
- DREHER, Jochen. Konstitutionsprinzipien ‚kultureller Differenz‘: Zur Analyse der Konstruktion kultureller Grenzbestimmungen in grundlagentheoretischer Absicht. In: DREHER, Jochen; STEGMAIER, Peter. *Zur Unüberwindbarkeit kultureller Differenz. Grundlagentheoretische Reflexionen*. Bielefeld: transcript Verlag, 2007. p. 129-151.
- FEILKE, Helmuth. *Common sense-Kompetenz. Überlegungen zu einer Theorie “sympathischen” und “natürlichen” Meines und Verstehens*. Frankfurt: Suhrkamp, 1994.
- FERNANDEZ, James W. Introduction: confluents of inquiry. In: FERNANDEZ, James W. *Beyond metaphor: the theory of tropes in anthropology*. Stanford: Stanford University Press, 1991. p. 1-13.
- GUMPERZ, John. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HÜLZER-VOGT, Heike. *Die Metapher. Kommunikationssemantische Überlegungen zu einer rhetorischen Kategorie*. Münster: Nodus Publikationen, 1987.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- KASPER, Gabriele. Data collection in pragmatics research. In: SPENCER-OATEY, Helen. *Culturally: speaking. culture, communication and politeness theory*. London: Continuum, 2008. p. 279-303.
- LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew. *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980/2003.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LEEZENBERG, Michiel. *Contexts of metaphor*. Amsterdam: Elsevier, 2001.
- LINZ, Erika. Sprachlose Metaphern. Zur Rhetorizität der Kognition und ihrer Modellierung in der kognitiven Linguistik. In: FOHRMANN, Jürgen. *Rhetorik. Figuration und Performanz*. Stuttgart, Weimar: Metzler, 2004. p. 246-266.
- LITTLEMORE, Jeannette. The relationship between associative thinking, analogical reasoning, image formation and metaphoric extension strategies. In: ZANOTTO, Mara Sophia; CAMERON, Lynne; CAVALCANTI, Marilda C. *Confronting metaphor in use. An applied linguistic approach*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 199-222.
- MARSCHARK, Marc. Metaphors in sign language and sign language users: A window into relations of language and thought. In: COLSTON, Herbert L.; KATZ, Albert N. *Figurative language comprehension: Social and cultural influences*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 309-334.
- MELO MOURA, Heronides M. Metáforas e Regularidades Lingüísticas. In: MIRANDA, Neusa. S.; NAME, Cristina. *Lingüística e cognição*. Juíz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 109-119.
- MÜLLER, Cornelia. What gestures reveal about the nature of metaphor. In: CIENKI, Alan; MÜLLER, Cornelia. *Metaphor and gesture*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 219-245.
- SCHRÖDER, Ulrike. Mesclagens metafóricas e suas funções no discurso sobre a sociedade: um estudo comparativo. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, n. 10, p. 575-602, 2010a.
- SCHRÖDER, Ulrike. Die metaphorische Konstruktion von Gesellschaft in kulturvergleichender Perspektive. *Lusorama*, n. 83-84, p. 83-213, 2010b.
- SCHRÖDER, Ulrike. Trinta Anos da Teoria Conceptual da Metáfora: uma Retrospectiva Crítica. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 53, p. 59-71, 2011.
- SCHRÖDER, Ulrike. *Kommunikationstheoretische Fragestellungen in der kognitiven Metaphernforschung*. Eine Betrachtung von ihren Anfängen bis zur Gegenwart. Tübingen: Gunter Narr, 2012.
- SCHRÖDER, Ulrike; VITERBO LAGE, Carolina. Estratégias de Polidez em momentos de discordância: Análise de uma discussão entre estudantes brasileiros e alemães. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n. 1, p. 153-179, 2014.
- STEEN, Gerard J. *Finding metaphor in grammar and usage*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 2007.
- UNGEHEUER, Gerold. Kommunikative und extrakommunikative Betrachtungsweisen in der Phonetik. In: UNGEHEUER, Gerold. *Sprache und Kommunikation*. Münster: Nodus Publikationen, 1972/2004. p. 22-34.
- UNGEHEUER, Gerold. Vor-Urteile über Sprechen, Mitteilen, Verstehen. In: UNGEHEUER, Gerold. *Kommunikationstheoretische Schriften I: Sprechen, Mitteilen, Verstehen*. Aachen: Rader Publikationen, 1987. p. 290-338.

ZINKEN, Jörg. Metaphors, stereotypes, and the linguistic picture of the world: Impulses from the Ethnolinguistic School of Lublin. *metaphorik.de*, 7, p. 115-136, 2004. Disponível em: <http://www.metaphorik.de/07/zinken.pdf>. Acesso em: 20 set. 2014.